

# ESTADO, SISTEMA ECONÔMICO E EDUCAÇÃO: MÃOS DADAS EM UMA CIRANDA IDEOLÓGICA

Paula C. K. R. dos Reis\*  
Elson Cesar Facin\*\*

## Resumo

A tarefa empreendida neste texto é voltada para um refletir a partir do enlace de três elementos: Estado, sistema econômico e Educação. A construção dessa reflexão surgiu principalmente de leituras feitas durante o curso de disciplinas nos estudos de mestrado e possui como meta ampliar um pouco além a visão crítica que temos a respeito da relação dos três elementos apontados anteriormente. Metaforicamente, o texto faz uma analogia a uma brincadeira de roda: o brinquedo do Estado e do sistema capitalista conduzindo pela mão a Educação - criança que segue os outros dois na brincadeira como lhes é conveniente esse brincar.

Palavras-chave: Estado. Sistema econômico. Educação.

## 1 INTRODUÇÃO

A proposição principal desse texto é promover uma reflexão sobre os enlaces e implicações existentes entre Estado, sistema econômico e Educação, bem como as consequências negativas que estes produzem nas dimensões da Educação que assiste à população.

Como educadores que somos - e também os que, talvez, nos leem - acreditamos ser muito importante compreendermos a Educação em uma dimensão mais ampla além daquela que constitui o ambiente escolar ou o sistema educacional no qual atuamos: municipal, estadual... Ver com um olhar mais acurado; Educação que serve a quê? a quem? a quais propósitos: comprometida com a *emancipação humana* ou com os intentos exploratórios e acumulativos de um sistema econômico que está fundido à sociedade?...

Na primeira parte desse texto, nosso intento é traçar um breve esboço da relação entre Estado e Educação, apontando a Educação como subordinada aos *caprichos* do Estado e servindo aos propósitos do sistema de governo. A seguir, na segunda parte, propomos-nos a refletir sobre o vínculo existente entre Estado, sistema econômico - o capitalismo

---

\* Aluna do Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; Pós-graduação em Administração Marketing e Negócios pela Universidade da Região de Joinville; Graduação em Formação Pedagógica para Formadores de Educação Especial pela Universidade do Sul de Santa Catarina; e bacharel em Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero; atualmente é instrutora III (Nível Técnico e Superior) - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; experiência na área de Comunicação, com ênfase em Relações Públicas e Propaganda; possui também cursos EAD em Tutoria e Licenciatura Pedagógica; profapaula@gmail.com

\*\* Aluno do curso de Mestrado em Educação - Turma X/2012 da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; ecfacin@gmail.com.

- e a Educação. Todos os pontos aqui abordados se pautam principalmente em aspectos da Educação no Brasil.

Na sequência, na terceira parte deste texto, procuramos dirigir as ideias apresentadas para a reflexão da necessidade de a Educação ser vista e assumida como um *instrumento* de transformação, de *emancipação humana*. E apontamos, também, a forte relação da Educação com o trabalho; esses dois campos da vida humana estreitamente ligados.

Por fim, na parte última do presente estudo, nossa proposição é tecer algumas considerações a partir das reflexões que foram realizadas e, também, apresentar opiniões particulares sobre a Educação partindo das experiências como educadores que somos.

## 2 PENSANDO NAS ORIGENS

Essa *brincadeira de roda* poderia ter começado assim: *Estado* e povo. Então, elaborando uma retrospectiva, poderíamos dizer que se fez a organização em sociedade capaz de tornar o viver humano menos solitário, menos penoso, mais solidário... E a inventividade humana engenha, em nome da soberania e do bem-estar comum, o *senhor* Governo. Senhor este que toma para si o cuidado aos cidadãos agregados em seu nome, que na Era Moderna - entre os séculos XVI e XVII - se vê transfigurado no *Estado*. Um Estado que evoluiu passando por configurações: sob a chancela da monarquia, depois da burguesia, depois com feições para atender à coletividade social... e foi dando cada vez mais as *mãos* à Educação, conduzindo-a conforme seus propósitos e interesses, suas demandas de transformações... Depois, de Estado Liberal, com uma preocupação maior com a preservação da liberdade individual, passa a Estado Social ou Estado-Providência, buscando intervir no campo social e na economia.

Em tempos contemporâneos, o Estado ofereceu, definitivamente, as *mãos* ao sistema econômico (entenda-se este sistema como sendo o capitalismo). A *ciranda ideológica* formou-se; e nesse *brinquedo de roda*, a Educação passa a ser guiada pelas *mãos* interesseiras da associação entre Estado e capitalismo. E temos, na atualidade brasileira (e em quase o Planeta globalizado todo), a instituição de um sistema educacional com vistas a garantir o funcionamento do mercado de trabalho capitalista: empregados *educados* para produzir capital e eficientes consumidores *educados* para consumir.

Essas tendências, observadas mundialmente, expressam-se de forma heterogênea em diferentes contextos nacionais; no Brasil, mesclam-se com problemas sociais jamais resolvidos como a profunda desigualdade da distribuição da renda, o analfabetismo e os baixos índices de escolaridade que atingem grande parte da população, a saúde, tudo com implicações perversas nas parcas condições para o exercício da cidadania. (SEGNINI, 2000, p. 73.)

A Educação mesmo se transformou em um filão explorado pelo sistema econômico e avalizado pelo Estado! Aliás, o próprio Estado conclama o *meio capital* a participar da Educação Pública já que, ele mesmo, por ineficiência e demérito na gestão administrativa e promoção de políticas educacionais, não consegue fazer seu *dever de casa* adequada-

mente no que concerne à Educação. E não somente, além de se aliar ou, antes, aliciar a iniciativa privada para abraçar a *causa* educacional, o Estado também pedincha à sociedade civil para que o auxilie na tarefa de *educar*. Exemplos disso, no Brasil, são campanhas/projetos veiculados garbosamente nos meios de comunicação. Para exemplificar: «Acorda, Brasil. Está na hora da Escola!» - cujo objetivo do programa se propunha ao incentivo de parcerias da sociedade civil com o poder público, com o intuito de melhorar a qualidade do ensino e divulgar ações educacionais inovadoras em todo o país; já em «Todos Pela Educação», um segundo exemplo, encontramos os objetivos centrados na “[...] conjugação dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, em regime de colaboração, das famílias e da comunidade, em proveito da melhoria da qualidade da educação básica.” (BRASIL, 2013b). Além desses programas/campanhas governamentais, é importante destacar também a mobilização da sociedade a partir de campanhas como, em dois exemplos, «Amigos da escola» e «A educação precisa de respostas». Contudo, alto lá! Não estamos nós condenando com primeira pedra essas iniciativas da sociedade; entretanto, elas se configuram muito mais em *remendos* para tentar conter os *buracos* na tarefa do Estado de tutor desleixado da Educação, do que propriamente ações e práticas comprometidas com uma Educação *transformadora*, capaz de ser força de promoção e ampliação de uma *verdadeira* cidadania. E, ainda, é preciso olhar para essas iniciativas a partir de um outro ponto de vista além daquela perspectiva do *bom samaritano* que as pratica, porque não basta apenas levantar a bandeira da Educação e pela Educação, já que “[...] aprende-se a todo momento, mas o que se aprende depende de onde e de como se faz esse aprendizado.” (SADER, 2005). Ou seja, as iniciativas voltadas à Educação promovidas com a ajuda da sociedade não são garantia de haver uma Educação preocupada com a transformação social, de haver uma Educação comprometida com a *emancipação humana*.

### 3 OS ENLACES NA TRIÁDE: ESTADO, SISTEMA ECONÔMICO, EDUCAÇÃO

Um dos aspectos que consideramos muito importante nas reflexões feitas a partir das leituras realizadas na disciplina «Dimensões contextuais da educação brasileira» nessa etapa de estudos e aprendizagem refere-se à reflexão sobre a intrincada relação entre esses três elementos: Estado, sistema econômico (leia-se *capitalismo*) e Educação.

Em Silva Junior (2002) a análise dessa relação materializa-se ganhando força de expressão. O Estado “de mãos dadas” com o sistema produtivo - *amentado* e nutrindo o capitalismo - opera no âmbito social, cultural, educacional para a manutenção do *status quo* econômico.

O modo de produção capitalista, portanto, necessita constantemente de transformações, imprescindíveis a sua própria manutenção. O Estado, nesse sistema, ocupa lugar central e, ainda que com autonomia relativa sobre as classes sociais - mostrando-se como representante de todas elas e de seus segmentos -, orienta, induz ou faz tais transformações no âmbito da produção, da economia, da política, da cultura e da educação. (SILVA JUNIOR, 2002, p. 23).

Em Frigotto (2009) também temos patente o servilismo da Educação a *outrem* – e sem possuir propósitos de uma educação preocupada com a formação do ser humano que possa estar integrada e comprometida com em uma sociedade igualitária e fraterna:

Como a educação não está desligada das relações dominantes da sociedade, ela não poderia ser diversa do que é em sua dualidade estrutural e em sua precariedade. Ou seja, a burguesia brasileira nunca se colocou de fato o projeto de uma escolaridade básica e formação técnico-profissional [...] (FRIGOTTO, 2009, p. 73).

Saviani (2008), em sua obra “História das ideias pedagógicas no Brasil”, trazendo uma retrospectiva histórica da educação brasileira, foi outro autor que contribuiu nessa *caminhada de leituras* para promover reflexões sobre o *papel* da Educação no contexto nacional desde o ‘descobrimento’ desse nosso País.

Notadamente percebemos nessa obra *historiográfica* o poder de mando e desmando que o Estado (monarquia, governo) possui em relação à Educação, visando a atender interesses que lhe fossem convenientes, por exemplo: catequização do povo com fins colonizadores; formação de profissionais para atender à família real refugiada em terras brasileiras; minimização do analfabetismo com vistas a ampliar o número de brasileiros com direito a voto; expansão da economia nacional; modernização do país; cumprimento a tratados internacionais; inclusive, e, até, inclinar-se a interesses de cunho pessoal, quando quem está à frente da coordenação da Educação Nacional (ou mesmo estadual ou municipal) faz valer seus pontos de vista (ou ideais) emanados de necessidades do ‘sistema dominante’ - governamental ou econômico.

Em relação a esse aspecto, citamos aqui apenas um exemplo recolhido das leituras feitas. É um nome que vimos se *enroscar* por entre as linhas de três das obras lidas; em duas delas com tom de crítica (Evangelista); o nome da educadora Guiomar Nano de Mello.<sup>1</sup>

[...] Guiomar Namó de Mello, entre outros, são exemplos emblemáticos de *intelectuais brasileiros que produzem*, com esses organismos [organismos internacionais e de seus intelectuais e técnicos] e por esses organismos, o pensamento dominante das concepções pedagógicas das reformas de ensino da década de 1990. (FRIGOTTO, 2009, p. 73, grifo nosso).

A autora [Guiomar Namó de Mello], que mais tarde viria a assessorar o Banco Mundial e integrar o CNE, anunciava em 1990 que suas propostas configurariam uma verdadeira “*revolução educacional*”. (SHIROMA, MORAES; EVANGELISTA, 2007, p. 69, grifo nosso).

O discurso *prêt-à-porter* fornecido pelas agências internacionais e seus *nouveaux économistes* parece não se ajustar à realidade educacional brasileira. Vejamos alguns paradoxos presentes no discurso reformista: alega preocupação com qualidade e recomenda a elevação do número de alunos por professor [...] Serão tais medidas procedentes para a anunciada “*revolução copernicana*” na educação? (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2007, p. 93, grifo nosso).

É lástima imensa - supor e constatar frequentemente em nosso País (para refletirmos mais próximos de nós) - que ideias e propósitos pessoais, além dos já intentos escusos do Estado

para com a Educação, possam figurar à frente de um projeto de educação nacional que deveria estar comprometido com os interesses e as necessidades da coletividade. E lástima maior ainda é, muitas vezes, constatarmos que as figuras notórias que estão ‘guiando’ a Educação são educadores(!) e, ou, especialistas na área educacional e que irradiam torpes ações em seu agir na Educação Pública. Exemplos de *atrocidades* cometidas recentemente à Educação, contra uma *educação social*, certamente encontraremos na conduta de inúmeras secretarias municipais de educação; o início de nova gestão de prefeitos fez com que os muitos novos secretários municipais de educação abdicassem de projetos educacionais que vinham sendo desenvolvidos para impor o seu próprio projeto(?) - isso tudo mesmo havendo um plano municipal de educação! Falamos isso a partir de nossas próprias experiências como educadores na rede municipal de educação. Infelizmente, essa realidade de interrupções de programas e projetos na educação, essa ocorrência de descontinuidades, está presente país afora. A educação em (todo) âmbito nacional se vê *acossada* por práticas degenerativas dessa natureza:

[...] assinalou ainda a importância de *romper com outro péssimo costume: a interrupção de ações do governo anterior quando a oposição toma posse*. Em Educação, soluções eficazes demoram décadas para dar resultado. (MONROE; RATIER, 2010, grifo nosso).

É muito comum a *troca de partidos na prefeitura implicar no fim de projetos começados pela sigla anterior* - mesmo que os programas implementados estivessem dando certo. Para os especialistas, *esse tipo de atitude dos novos prefeitos é nefasta* para a rede municipal. “A *descontinuidade* tem sido *um dos grandes problemas na política educacional*. Propor uma visão não imediatista dos resultados das políticas sociais implica em não abandonar o que vem se fazendo apenas porque é da gestão anterior ou do ‘adversário’ ”, diz Tais Tavares, da UFPR. (MANDELLI, 2012, grifo nosso).

[...] têm sido marcadas [as políticas educacionais] hegemonicamente pela lógica da descontinuidade, por carência de planejamento de longo prazo que evidenciasse políticas de Estado em detrimento de políticas conjunturais de governo. Tal dinâmica tem favorecido ações sem a devida articulação com os sistemas de ensino, destacando-se, particularmente, gestão e organização, formação inicial e continuada, estrutura curricular, processos de participação. (DOURADO, 2007, p. 5-6).

Os recortes que apresentamos anteriormente reforçam a ocorrência da falta de compromisso de administradores públicos nas suas obrigações com a Educação em nosso País no que se refere à continuidade de ações e programas. E pode haver solução para o problema? O corpo docente das redes poderia estar contribuindo para que essa prática fosse extinta ou minimizada? Certamente; o desejo e o comprometimento dos professores é elemento fundamental. Os planos municipais de educação, por exemplo, são um reforço na luta contra essa natureza demagógica.

#### 4 EDUCAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS HUMANA

A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: “fornecer os conhecimentos e o

peçoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes.” Em outras palavras, tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes. (SADER, 2005).

O que argumentamos nas seções anteriores deste texto encontra amparo na citação supramencionada; a Educação sob o jugo *monetário* do poder capitalista. E o Estado, como já destacamos, sendo o *avalista* desse *negócio*.

Sader (2005), autor do texto de onde foi retirado o fragmento anterior, enfatiza que a Educação deve ser um instrumento de *emancipação humana*. Uma emancipação que, conforme Mészáros (2004) deve qualificar para a vida, “[...] porque Educação não é mercadoria.”<sup>4</sup> Ela deve estar orientada para o ser humano e poder ser capaz de superar a lógica voraz do capitalismo que está centrada no individualismo, na competição e no lucro.

E, em se tratando de romper os *grilhões* ideológicos que prendem a Educação à *servidão* do capitalismo, por que não se pensar em *pedagogia libertadora*? Um acontecer pedagógico que consiga capacitar e fazer de cada criança, jovem, adulto um agente político que pensa, age, e usa a palavra, a reflexão como força transformadora da realidade, de sua realidade, da realidade de sua comunidade, sua cidade... nação... E certamente essas são ideias que se aproximam das proposições e reflexões do educador brasileiro Freire (2008).

Um outro ponto importante para se refletir em relação à Educação é a sua proximidade, a sua afinidade com o *trabalho*: “A natureza da educação - como tantas outras coisas essenciais nas sociedades contemporâneas - está vinculada ao destino do trabalho.” (SADER, 2005).

A educação é profundamente imbricada a uma prática profissional atravessada pelas questões sociais. (BRANDÃO, 2002, p. 75).

Dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho. (SAVIANI, 2000, p. 15).

E para, num exemplo ilustrativo, demonstrar essa afinidade da Educação com o trabalho, tomemos por recordação o início do século XX em que a Educação, tanto reivindicada pela *classe operária*, já estava relacionada ao trabalho - entretanto, com caráter muito mais instrutivo e técnico que como um direito assegurado a um ser humano *livre* na sociedade. No Brasil, podemos rememorar os anos 1930, em que o País, *nas mãos* de Getúlio Vargas, conhece uma aceleração no seu crescimento industrial, necessitando, por conseguinte, uma mão de obra operária com qualificação e treinamento. Assim, naquela época, o ensino profissional e a Educação se viram reconfigurados a partir das necessidades demandadas pelo desenvolvimento da indústria. Em tempos atuais, podemos pensar como exemplo da relação entre Educação e trabalho algum programa do Governo Federal, o «Brasil Profissionalizado», por exemplo, que visa a “[...] fortalecer as redes estaduais de

educação profissional e tecnológica. [...] O objetivo é integrar o conhecimento do ensino médio à prática.” (BRASIL, 2013a).

Por essa íntima relação entre Educação e trabalho, conforme apontado anteriormente, pensar em uma Educação comprometida com o propósito de emancipação humana necessita também considerar essa relação Educação/trabalho. Em uma sociedade na qual se universalize o trabalho - mas não um trabalho com feições exploratórias, servil aos caprichos econômicos do sistema que quer avolumar mais e mais capital - também se universalizará a Educação; já que uma sociedade com condições mais dignas de trabalho pode considerar uma melhor distribuição de renda, ampliação da taxa de escolarização, promoção de maior qualidade na saúde, enfim, possibilitar a ampliação dos inúmeros índices de desenvolvimento social e a garantia do exercício da *cidadania*. Em nossa opinião, também é válido destacar para reflexão que, atualmente, o desemprego (ainda tendo em mente essa relação Educação/trabalho) já não é resultado de uma ausência de crescimento econômico e, sim, produto inerente ao próprio crescimento.

Para reforçar uma vez mais a importância da Educação no processo de transformação da sociedade - menos *capitalística*, mais humana -, não podemos deixar, ainda, de mencionar reflexões a partir da obra “Política educacional” - Shiroma, Moraes e Evangelista (2007) como mais uma obra que, mesclando aspectos históricos e críticos sobre as reformas de ensino no Brasil a partir de 1930 com o *escolanovismo* até a década de 1990 (era FHC - Fernando Henrique Cardoso - Reforma da Educação Básica e do Ensino Superior e a formação de professores) traz importantes pontos sobre a íntima ligação: Estado-política-sociedade. E, nessa relação, a escola é tida como um *locus* importantíssimo de *construção* do *corpus* sociedade (e uma sociedade que não pode ser vista sem ser/estar relacionada com o modelo econômico ao qual serve/é servida):

Ainda, acreditamos ser válido destacar que entre as obras e textos lidos - especialmente em Saviani (2008) - notamos a “evolução” da Educação no Brasil tecida em grande parte com dois fios: o caráter religioso e o estatal *laico* (ou, antes, tentativa de sê-lo ou em confronto com alguma vertente/ideologia religiosa). Desde o período jesuítico (1549) vemos o monopólio da vertente religiosa na pedagogia até os anos iniciais de 1930; quando, já em 1961, com o Concílio Vaticano II, a igreja volta suas ações educacionais para uma pedagogia com ideais libertários - com atenção aos pobres.

Além disso, nas nossas leituras e reflexões feitas, outro aspecto que nos despertou atenção no entrelaçamento «Estado-Educação-modelo econômico» foi a incorporação de “termos” no vocabulário educacional conforme a relação estabelecida entre Estado e sistema econômico. Como exemplo, destacamos, no fim do Século XX, o legado vocabular à Educação citando os termos: gestor, gestão, clientela, profissional da educação, colaborador.

Por fim, nos causa perplexidade sermos educadores e estarmos a serviço de propósitos tão desumanos: manter a ordem e a hegemonia exploratória capitalista; se, então, nossas ações na educação colaborarem para uma - usando termos de Shiroma, Moraes e Evangelista (2007) - “marginalização dissimulada”, para um “*apartheid* educacional”. E,

mesmo não possuindo essa prática pedagógica *fabricadora* de *apartheid* educacional, estaremos não colaborando com os propósitos da burguesia capitalista dominante? Esperamos que sim! Esperamos estar ajudando na construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

## 5 CONCLUSÕES

Perpetuar a si mesmo em uma dinâmica liberal de produção e acumulação de capital, ainda que isso implique em precisar se remodelar, se necessário - mas sem perder a essência: o lucro. Que mais podemos pensar sobre o ser do *capitalismo*? Contudo, o sistema por si só não é o *grande monstro*, nem o Estado por si próprio se configura como o poderoso *chefão*, *Leviatã*. Não, eles mesmos, os dois, são criações humanas, nossas criações; e por nós mantidos. A vaidade humana é que conseguiu originar e assegurar a existência desses dois *poderes* incomensuráveis e cunhá-los, aceitando-os, tão *desumanos* em relação à *qualidade* social. Ainda bem que nem de todo somos condenados a viver sob o jugo desse regime de poderes desacreditados de nossa liberdade; temos a *Educação*.

Esse texto procurou refletir sobre o entrelaçamento entre Estado, sistema econômico e Educação. Alguns pontos de reflexão no texto tomaram por base esse patente conluio que há entre os dois primeiros no entrelaçamento apontado. O Estado e o sistema econômico agem na manipulação da Educação conforme seus escusos interesses a fim de, principalmente, legitimar e garantir a existência de um modelo econômico vorazmente explorador. E a Natureza e o Ser Humano são a matéria-prima dessa exploração.

Nós consideramos importante, também, apontar estratégias do governo em relação a tentar minimizar suas falhas(!) com a Educação. Essas *estratégias* estão focadas em programas que conclamam a sociedade de maneira em geral a *arregaçar as mangas* e auxiliar na tarefa de *educar*. Além disso, podemos notar na sociedade brasileira a iniciativa privada desenvolvendo ações que vão ao encontro de propósitos ligados à Educação. Entretanto, coloquei um tom de crítica nas minhas palavras, tanto em relação às iniciativas do governo, com seus programas/campanhas, quanto em relação às ações do setor privado. E por quê? Porque vemos essas ações como *remendos* para tapar *furos* e desleixos na responsabilidade do Estado para com a Educação e não compromissos com o desenvolvimento de uma Educação preocupada com a *emancipação humana*; uma educação que seja transformadora, capaz de emanar uma sociedade mais humana e fraterna e *socialmente igualitária*. E outro ponto que julgamos igualmente importante refletir se refere ao fato de a Educação estar à mercê de interesses/ideologias particulares de quem está à frente dos cargos responsáveis pela direção e coordenação das *políticas educacionais*, em qualquer uma das esferas: municipal, estadual ou nacional. E, considerando nossa experiência como educadores, somos obrigados a apontar também que, muitas vezes, em relação ao desenvolvimento de ações e práticas planejadas para a Educação é preciso considerar os entraves, resistências e *desvantades* dos próprios educadores, ou seja, por

melhor que se configure o projeto educacional, este pode não ter os resultados esperados porque a vontade e os interesses dos educadores não se afinam com ele.

Por fim, nesse texto, também abordamos a relação estreitamente próxima que há entre a Educação e o trabalho. Inclusive, propus que a modificação da sociedade, a transformação para uma realidade social mais humana, mais fraterna, *justa*, menos capitalista, menos exploratória, poderá ser concretizada a partir do respeito e valorização dessas duas dimensões humanas: o trabalho e a Educação. Garantia de trabalho *digno* para a população é fator de desenvolvimento social e promoção de cidadania. E a escola é, como apontada no texto, um importantíssimo *locus* de construção do *corpus* sociedade.

### ***Estado, sistema económico y Educación: manos dadas en una ziranda ideológica***

#### *Resumen*

*La tarea dispendida en este artículo es intentar una reflexión a partir del cruce de tres elementos: Estado, sistema económico y Educación. La construcción de la reflexión nació fundamentalmente de lecturas hechas durante la referida cátedra e objetiva alargar un poco más la visión crítica que existe con respecto a la relación de los tres elementos elencados. Metaforicamente, el texto hace una alegoría a un juego de roda: el juguete del Estado e del sistema capitalista manejado por la mano de la Educación - criatura que siegue los otros dos en el juego de la manera que les é conveniente jugar.*

*Palabras-clave: Estado. Sistema económico. Educación.*

Notas explicativas:

<sup>1</sup> Em Saviani (2008) a referência está no final da página 410; em Frigotto (2009) encontraremos referência no segundo parágrafo da página 73 e em Shiroma, Moraes e Evangelista (2007) a referência está na página 69.

<sup>2</sup> Nossos agradecimentos à disposição e ânimo do Professor Dr. Roque Strieder em nos assistir com suas orientações.

#### **REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, Zaia. A identidade do campo educacional. **Pesquisa em Educação - conversas com os pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Brasil profissionalizado**. Brasília, DF, 2013a. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=663&id=12325&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=663&id=12325&option=com_content&view=article)>. Acesso em: 07 jan. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Compromisso todos pela educação**. Brasília, DF, 2013b. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes\\_compromisso.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes_compromisso.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2013.

Unesco & Ciência - ACHS, Joaçaba, v. 4, n. 2, p. 181-190, jul./dez. 2013

CREMONESE, Dejalma. **Governo e Estado**. Disponível em <<http://br.monografias.com/trabalhos915/governo-estado/governo-estado.shtml>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

DOURADO, Luiz Fernandes. Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 921-946, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1428100.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Política e gestão educacional na contemporaneidade. In: FERREIRA; Eliza Bartolozzi Ferreira; OLIVEIRA, Dalila Andrade (Org.). **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MANDELLI, Mariana. O perfil ideal do secretário de educação: especialistas apontam como deve agir um bom gestor para a área. **Todos pela Educação**, Brasília, DF, 14 set. 2012. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/24095/o-perfil-ideal-do-secretario-municipal-de-educacao/>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

MÉSZÁROS, István. 2004. Disponível em <[http://www.espacoacademico.com.br/051/51liv\\_meszaros.htm](http://www.espacoacademico.com.br/051/51liv_meszaros.htm)>. Acesso em: 07 jan. 2013.

MONROE, Camila; RATIER, Rodrigo. Como garantir a continuidade das políticas públicas. **Revista Escola**, Rio de Janeiro, out. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/planejamento-e-financiamento/como-garantir-continuidade-politicas-publicas-602465.shtml>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

SADER, Emir. A educação para além do capital. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 51, ago. 2005. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/051/51liv\\_meszaros.htm](http://www.espacoacademico.com.br/051/51liv_meszaros.htm)>. Acesso em: 07 jan. 2013.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

\_\_\_\_\_. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9791.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SILVA JUNIOR, João dos Reis. Estado moderno, cidadania e educação. In: \_\_\_\_\_. **Reforma do Estado e da Educação no Brasil de FHC**. São Paulo: Xamã, 2002.